



V CONGRESO GALEGO-PORTUGUÉS  
DE PSICOPEDAGOXÍA  
ACTAS (COMUNICACIÓNS E POSTERS)  
Nº 4 (Vol. 6) Ano 4º-2000 ISSN: 1138-1663

## **HABILIDADES SOCIAIS E COGNITIVAS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS**

***Eliane GERK CARNEIRO***

***Rosimeri DE OLIVEIRA DIAS***

***Neidi DE OLIVEIRA NYARADI***

***Sandra AQUINO***

*Universidade Gama Filho – Rio de Janeiro – Brasil*

### **RESUMO:**

O conceito de inteligência na atualidade foge à perspectiva tradicional de medida, passando para uma visão mais contextualizada. Pesquisadores têm estudado as formas mais complexas das capacidades humanas incluindo áreas diferentes daquelas ligadas ao desempenho acadêmico, tais como: inteligência prática e social. Particularmente relevantes são os estudos acerca das habilidades sociais, aqui compreendidas como a dimensão comportamental de uma inteligência social. Objetivando estudar as relações entre a inteligência geral, abstrata, e as habilidades sociais, foram aplicados dois instrumentos a uma amostra de 98 estudantes da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense - Brasil. Os instrumentos utilizados foram o Teste das Matrizes Progressivas de Raven que informou o nível de inteligência geral, e o Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P. & Barreto, 1996) para avaliar o repertório de habilidades sociais dos sujeitos pesquisados. Buscou-se verificar se as pessoas classificadas pelo Teste de Raven como possuidoras de inteligência superior apresentariam também um grande repertório de habilidades sociais. Concluiu-se pela independência entre os dois construtos, ou seja, não foi encontrada correlação significativa entre os instrumentos aplicados.

### **INTRODUÇÃO**

Temas como o deste trabalho são pauta para unanimidades, pois estão no inquestionável rumo da modernidade. Na atualidade, dificilmente pesquisadores se opõem à inexorável dupla “habilidade cognitiva e prático-social” nos estudos de inteligência humana, mas poucos definem qual o pensamento, qual ação e de que forma apresentá-la para a sociedade científica ou não. Por isso, para contribuir nessa discussão, talvez seja mais eficaz evitar a argumentação de caráter geral, ou pelo menos ancorá-la em proposições bem definidas, como os estudos de Robert J Sternberg, invertendo a consagrada sequência dos testes de QI somente, e procurando mostrar como promoveriam o funcionamento social e prático das pessoas no mundo real.

Nesse sentido apresenta-se uma pesquisa que caminha de encontro a uma proposta de inteligência humana que considera um sujeito global: cognitivo, prático e social, procurando analisar a

questão da inteligência humana sob novos enfoques, novas teorias psicológicas, novas dimensões do conhecimento acerca do ser humano.

*“A inteligência de uma pessoa não está determinada somente pela quantidade de coisas que ela tem aprendido, mas sim, e também, pelas suas realizações...Assim, pode ser difícil compreender a inteligência em sua totalidade sem considerar previamente a interação da pessoa com um ou vários meios ambientes e sem levar em consideração a possibilidade de que uma mesma pessoa pode ser inteligente de diferentes maneiras em distintos meios, dependendo das demandas que lhe formulam estes meios.” (Sternberg, 1988)*

Nesse trabalho decide-se descrever as habilidades cognitivas e sociais de estudantes universitários brasileiros, procurando analisar a questão da inteligência humana, não só pelo viés do raciocínio analítico, mas também e, principalmente, pela prática e sociabilidade que o cotidiano nos apresenta.

Outros pesquisadores (Neisser, 1976; Sternberg 1990; Carraher & Schliemann, 1989) dessa área têm revelado ser possível observar que um desempenho mais satisfatório em domínios acadêmicos não implica, necessariamente, um bom desempenho nas situações práticas e vice-versa.

A diferença entre a inteligência teórica e a inteligência prática é apresentada por Scribner (1986, apud Sternberg 1990) quando distingue *pensamento teórico e pensamento prático*. O pensamento prático se interrelaciona mais com as vivências diárias dos sujeitos e com as práticas não acadêmicas. *Isto não significa que em determinados grupos sócio-culturais, menos escolarizados, as pessoas não possam ou não façam uso de abstrações no seu dia-a-dia, apenas que tal utilização é feita no quadro das situações reais ou diárias dos indivíduos (Almeida, 1991).*

Na cultura ocidental, cada vez mais as formas acadêmicas de inteligência são intensamente valorizadas, sendo assim consideradas como formas mais complexas e superiores de inteligência. Dessa forma, o termo inteligência prática quase sempre é percebido como uma configuração mais simples e elementar de habilidades humanas. Sem o objetivo de estabelecer qualquer julgamento de valor, as formas de expressão quer sejam elas práticas, sociais ou acadêmicas podem ser percebidas como manifestações da inteligência humana, e como tal cada uma possui a sua devida importância.

Sternberg (2000) contribui com seus estudos sobre inteligência humana para a reflexão de uma perspectiva ampla quando apresenta a interligação entre os três aspectos da inteligência de sucesso. *O raciocínio analítico é necessário para resolver problemas e julgar a qualidade das idéias. A inteligência criativa é necessária para formular, antes de tudo, bons problemas e boas idéias. A inteligência prática é necessária para utilizar as idéias e sua análise de maneira eficiente no dia-a-dia (p.107).*

Ressalta-se, ainda, as palavras de Sternberg (op.cit.) para nossas reflexões:

*“A inteligência de sucesso é mais eficaz quando equilibra seus aspectos prático, analítico e de criatividade. É mais importante saber quando e como utilizar esses aspectos da inteligência de sucesso do que apenas possuí-los. As pessoas com inteligência de sucesso não apenas possuem as capacidades, mas refletem sobre quando e como utilizar essas capacidades com eficácia.”*

Por isso tudo, alguma vivência com novas abordagens em inteligência humana tem uma importância conceitual e prática que transcende o também necessário domínio do raciocínio analítico.

Para não se dispersar na abrangência dos estudos de inteligência humana, faz-se necessário realizar uma discussão de como a pesquisa das habilidades cognitiva e social podem estar presentes nas questões acima destacadas. Isso teria o mérito de dar maior completude ao tratamento dos dados levantados. Tenta-se, portanto, apontar como seria possível analisar, em suas dimensões sociais, os tópicos que utiliza-se para explorar dimensões analíticas e também prática.

## **HABILIDADES COGNITIVA E SOCIAL**

Spearman (1927 apud Sternberg, 1990) propõe em sua teoria bifatorial, que a inteligência compreende um fator principal e de grande interesse. Toda a atividade intelectual exprime basicamente um fator geral (g), comum a toda a atividade mental (fator central único), e um fator específico (s) correspondente a essa atividade individualizada.

O propósito de Spearman foi o de compreender o poder intelectual separado do conhecimento do conteúdo. O centro do seu conceito de capacidade geral era o raciocínio abstrato - a capacidade de perceber e aplicar relações. Isso ele simbolizava por g.

Segundo Cronbach (1996)

*“Problemas de analogia são uma boa combinação para o conceito de Spearman, exigindo percepção de relações e sua aplicação. Uma analogia é um conjunto de termos em que à mesma relação aparece entre os termos A e B e os termos C e D...As analogias podem ser feitas de palavras, símbolos, figuras ou formas geométricas. Os seguidores de Spearman criaram a analogia de figuras de duas vias ou tarefa de matriz. Ela é aceita como uma excelente medida da capacidade geral ou (por algumas definições) da “inteligência”... (p.210)*

É frequentemente encontrado nos relatos de pesquisas psicológicas que a tarefa única mais utilizada sobre a capacidade é a tarefa analógica, normalmente em forma de matriz.

Em todas as colocações feitas, uma questão permanece: Como contemplar a avaliação da inteligência de uma forma ampla? Observa-se que, no caso desta pesquisa, são também salientadas as habilidades sociais. Nesse sentido, concorda-se com Almeida (1995) quando diz:

*“Reportando-nos à inteligência, a avaliação deve em primeiro lugar ser multidimensional. Não chega avaliarmos os processos cognitivos superiores (categorização, raciocínio), como igualmente não chega tomarmos apenas os processos cognitivos mais básicos (percepção, atenção, memória). A avaliação da inteligência não pode ser exclusivamente centrada nas aptidões, nos traços ou nas estruturas internas, antes deve avançar para as competências de resolução, as estratégias, as destrezas ou os processos. A avaliação da inteligência, por último, não pode ficar apenas centrada no estritamente cognitivo, ou tendo deste uma visão demasiado reducionista. Essa avaliação deverá passar a incluir os estilos cognitivos, a criatividade, as percepções pessoais de capacidade, as atribuições de causalidade e outras dimensões psicológicas que nos dão conta da forma como o sujeito lida com a dificuldade das tarefas, com as suas capacidades e com as expectativas de melhor ou pior resultado”. (p.442)*

Thorndike (1920) classificou a inteligência em três tipos: abstrata, mecânica e social, comportando esta última um componente cognitivo e um comportamental.

A partir dessa visão da inteligência humana, utilizou-se o Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P. & Barreto, 1996) para avaliar o repertório de habilidades sociais dos sujeitos pesquisados, como indicativo do componente comportamental da inteligência social.

Segundo Del Prette, Del Prette & Barreto (1998) o conceito de habilidades sociais é utilizado para descrever as classes de comportamentos abertos e encobertos, requeridas nas interações sociais. As habilidades sociais apontam para três dimensões descritivas: “a) dimensão pessoal: variáveis e processos encobertos do indivíduo (pensamentos, sentimentos, percepções, expectativas etc.) e também as variáveis fisiológicas (sudorese, batimentos cardíacos, contração/dilatação pupilar etc.); b) dimensão situacional: contexto ambiental em que o desempenho social ocorre (incluindo aspectos culturais); c) dimensão comportamental: classes de comportamentos abertos do indivíduo”.

Este trabalho ao tematizar as habilidades cognitivas e sociais visa contribuir com alguns dados que possam referendar a diferença tão atualmente apontada entre inteligência acadêmica e inteligência prática.

## MÉTODOS

### Amostra

Participaram desta pesquisa 98 estudantes universitários brasileiros, da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense sendo 12 do sexo masculino e 86 do sexo feminino. A distribuição de idade encontra-se na tabela I.

Tabela I  
Idade dos Participantes

|        |       | Frequencia | Porcentagem | Porcentagem<br>Válida | Porcentagem<br>Acumulada |
|--------|-------|------------|-------------|-----------------------|--------------------------|
| Valido | 17,00 | 2          | 2,0         | 2,0                   | 2,0                      |
|        | 18,00 | 12         | 12,2        | 12,2                  | 14,3                     |
|        | 19,00 | 14         | 14,3        | 14,3                  | 28,6                     |
|        | 19,70 | 1          | 1,0         | 1,0                   | 29,6                     |
|        | 20,00 | 11         | 11,2        | 11,2                  | 40,8                     |
|        | 21,00 | 11         | 11,2        | 11,2                  | 52,0                     |
|        | 22,00 | 10         | 10,2        | 10,2                  | 62,2                     |
|        | 23,00 | 6          | 6,1         | 6,1                   | 68,4                     |
|        | 24,00 | 6          | 6,1         | 6,1                   | 74,5                     |
|        | 25,00 | 5          | 5,1         | 5,1                   | 79,6                     |
|        | 26,00 | 2          | 2,0         | 2,0                   | 81,6                     |
|        | 28,00 | 2          | 2,0         | 2,0                   | 83,7                     |
|        | 29,00 | 3          | 3,1         | 3,1                   | 86,7                     |
|        | 30,00 | 1          | 1,0         | 1,0                   | 87,8                     |
|        | 32,00 | 2          | 2,0         | 2,0                   | 89,8                     |
|        | 33,00 | 2          | 2,0         | 2,0                   | 91,8                     |
|        | 34,00 | 1          | 1,0         | 1,0                   | 92,9                     |
|        | 42,00 | 1          | 1,0         | 1,0                   | 93,9                     |
|        | 43,00 | 2          | 2,0         | 2,0                   | 95,9                     |
|        | 44,00 | 1          | 1,0         | 1,0                   | 96,9                     |
| 46,00  | 1     | 1,0        | 1,0         | 98,0                  |                          |
| 51,00  | 1     | 1,0        | 1,0         | 99,0                  |                          |
| 53,00  | 1     | 1,0        | 1,0         | 100,0                 |                          |
|        | Total | 98         | 100,0       | 100,0                 |                          |

## ***Instrumentos***

Para a avaliação das habilidades cognitivas foi escolhido como instrumento o “Teste das Matrizes Progressivas” de John C. Raven, na forma Escala Geral, que seguindo seu próprio autor permite medir a capacidade do indivíduo para comparar formas e raciocinar por analogias, independentemente dos conhecimentos adquiridos.

Além disso, o teste é não verbal e pode ser aplicado de forma grupal e suas figuras são apresentadas de forma a manter o interesse e evitar a fadiga. Favorece também a avaliação do raciocínio lógico-abstrato de grupos uma vez que sua apresentação se faz através de figuras interessantes.

Este teste foi construído com base na Teoria Bifatorial de Charles L. Spearman, que em 1904, postulou que a inteligência é construída por dois fatores: um fator geral – g – fundamental a todas as funções cognitivas, e um fator específico – s – próprio de cada habilidade em particular. Segundo este autor esses fatores existiriam e variariam de indivíduo para indivíduo, o que explicaria as diferenças interpessoais.

Outra vantagem, explicativa para o uso, do Teste das Matrizes Progressivas de Raven é que seus resultados não são apresentados através do resultado abstrato de QI (quociente de inteligência). Seus resultados têm como parâmetro o “percentil”, que é uma separação que divide a distribuição em 100 partes, isto é, são 100 percentis que dividem a distribuição em número igual ao número de elementos. Quando um aluno atinge o percentil 90 quer dizer que ele se encontra no grupo de 10% de pessoas da sua idade que consegue obter este resultado.

Para avaliar as habilidades sociais dos universitários elegeu-se o Inventário de Habilidades Sociais (Del Pretee, Del Prette & Barreto, 1998), cujas qualidades psicométricas tem sido avaliadas com sucesso (Bandeira, Costa, Del Prette, Del Prete e Gerk-Carneiro, 2000). O instrumento contém 38 itens, cada um apresentando uma ação ou sentimento diante de uma determinada situação social. Os sujeitos devem indicar a frequência com que agiam ou se sentiam da maneira como estava descrito em cada item. O formato é de uma escala tipo Likert, com cinco pontos: A (nunca ou raramente), B (com pouca frequência), C (com regular frequência), D (muito frequentemente). E (sempre ou quase sempre).

## ***Procedimentos***

A coleta de dados ocorreu nas salas de aula, em grupos. O aplicador expunha os objetivos da pesquisa, lia e explicava as instruções, de cada instrumento, garantindo o anonimato. Durante a aplicação, supervisionava os respondentes, procurando verificar se as instruções tinham sido entendidas e se todos os itens estavam sendo respondidos.

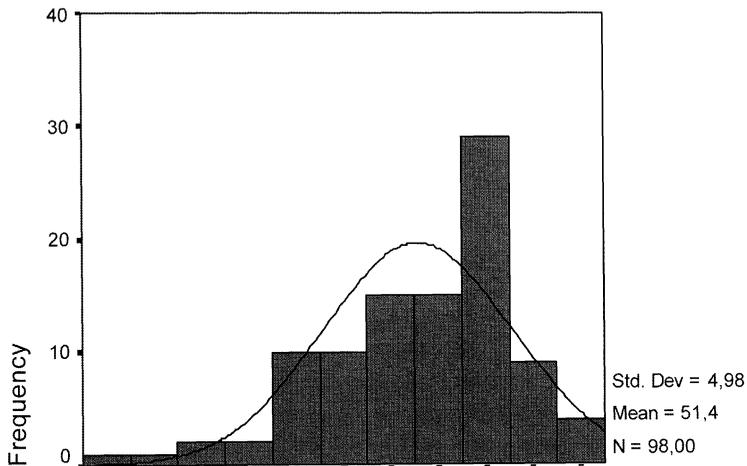
## ***APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS***

A avaliação da inteligência geral dos participantes revelou média igual a 51,42 o que pode ser considerada uma média alta, sendo a distribuição ligeiramente assimétrica. Considerando-se a classificação por percentis verificamos como está demonstrado na tabela II e na figura I que a maioria tem inteligência superior.

Tabela II  
Classificação da Inteligência Geral dos participantes segundo o  
Teste das Matrizes Progressivas de Raven

| Pontos       | Percentil | Significados                                | Frequência | Porcentagem |
|--------------|-----------|---|------------|-------------|
| Acima de 55  | 95        | Inteligência superior                       | 29         | 30%         |
| 54           | 90        | Inteligência definidamente superior à média | 13         | 13%         |
| 49 a 53      | 75        | Inteligência superior à média               | 30         | 31%         |
| 44 a 48      | 50        | Inteligência mediana                        | 20         | 20%         |
| 37 a 43      | 25        | Inteligência mediana                        | 5          | 5%          |
| Abaixo de 37 | 10        | Inteligência inferior à média               | 1          | 1%          |

Figura I  
Histograma dos Resultados nas Matrizes Progressivas de Raven



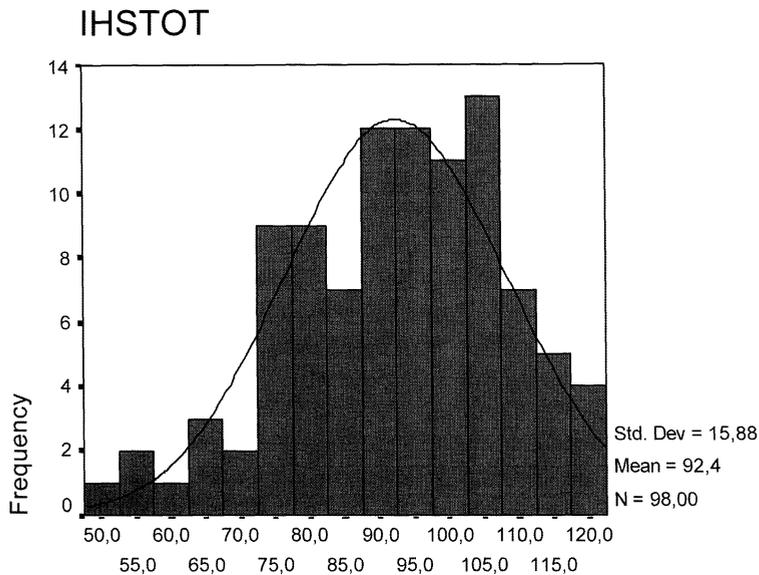
Raven

Os resultados no Inventário de Habilidades Sociais apresentaram uma enorme amplitude ( $A=72$ ) tendo variado de 50 (pouquíssimas habilidades sociais) até 120. A média foi alta (92,38) como também alto o desvio padrão (15,88). Revelou alta fidedignidade observada através da consistência interna ( $\alpha$  de Crombach = 0,80). Estes resultados estão sintetizados na tabela III.

Tabela III  
Resultados no Inventário de Habilidades Sociais

|               | Estatística |       |
|---------------|-------------|-------|
|               | IHSTOT      |       |
| N             | Válido      | 98    |
|               | Ausente     | 0     |
| Média         |             | 92,38 |
| Mediana       |             | 93,50 |
| Moda          |             | 92    |
| Desvio Padrão |             | 15,88 |

Figura II  
Histograma dos Resultados no Inventário de Habilidades Sociais



A correlação entre os dois instrumentos revelou se praticamente nula, pois o coeficiente de Pearson foi igual a 0,035.

## DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Neisser (1976 apud Sternberg, 1995) foi um dos primeiros psicólogos a estabelecer a distinção entre inteligência prática e acadêmica. As diferenças entre ambas as modalidades de inteligência demonstram a distinção entre conhecimentos acadêmicos e práticos. Um sujeito inteligente academicamente está caracterizado pela sua capacidade de fácil absorção de conhecimento acadêmico; conhecimento mostrado pelos testes de inteligência que, especialmente, nesta pesquisa foi demonstrado pelo teste das Matrizes Progressivas de Raven. Em contrapartida um sujeito inteligente na

vida prática expressa a sua capacidade de fácil absorção via observação do cotidiano e desempenho social bem sucedido, aqui investigado pelo Inventário de Habilidades Sociais.

Com base em dados de pesquisas que dissociam o desempenho acadêmico e o sucesso fora da escola, pesquisadores (Sternberg e Wagner, 1986; Sternberg, 1995) identificaram que 3/4 (três quartos) das atividades do mundo real não são computadas pelo desempenho em testes de inteligência voltados usualmente para medidas acadêmicas. Essa identificação proporciona aos estudiosos explorar novas interpretações na busca da compreensão da atuação do ser humano no mundo real tentando suplementar os testes de habilidade cognitiva como predeterminantes desse funcionamento na vida cotidiana.

Podemos considerar os resultados da presente pesquisa como corroborando a teoria de que inteligência acadêmica e prática são qualitativamente diferentes e não estão correlacionadas.

O teste das Matrizes Progressivas de Raven avaliou as habilidades cognitivas, enquanto o Inventário de Habilidades Sociais avaliou as sociais. O primeiro representa a inteligência acadêmica visto a já amplamente demonstrada correlação entre este teste e o desempenho escolar. O segundo representa a inteligência prática dada a sua característica situacional.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALMEIDA, L.S. (1991). *Cognição e Aprendizagem Escolar*. Portugal: APPORT.
- ALMEIDA, L.S. & METTRAU, M. B. (1995). Inteligência: Visualizar Formas mais Globais para a sua Avaliação. In ALMEIDA, L.S. & RIBEIRO, I. S.(1995). *Avaliação Psicológica: formas e Contextos*. Portugal: APPORT, Vol.III, p.435-444.
- BANDEIRA, M., COSTA,M.C., DEL PRETTE, Z.A.P., DEL PRETTE, A., GERK-CARNEIRO, E. (2000). Qualidades Psicométricas do Inventário de Habilidades Sociais (IHS): Estudo sobre a estabilidade temporal e a validade concomitante. Texto ainda não publicado.
- CARRAHER, T. N. & SCHLIEMANN, A. D. (1989). *Na Vida Dez, na Escola Zero*. São Paulo: Cortez Editora.
- CRONBACH, L.E. (1996). Fundamentos da Testagem Psicológica. 5ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- DEL PRETTE, A., DEL PRETTE, Z. A. P. & BARRETO (1998). Efeitos de uma intervenção sobre a topografia das habilidades sociais de professores. *Psicologia Escolar e Educacional*, vol.2, nº 1, 11-22.
- STERNBERG, R. J. (1990). *Mas alla del Cociente Intelectual: Uma Teoria Triárquica de la Inteligencia Humana*. Espanha: Deselée de Brouwer S. A.(2000). *Inteligência para o sucesso pessoal: como a inteligência prática e criativa determina o sucesso*. Rio de Janeiro: Campus.
- STERNBERG, R. J. & WAGNER, R. K. & WILLIAMS, W. M. & HORVATH, J. A. (1995). *Testing Common Sense*. USA: The American Psychologist, v.50, nº 11, 912-927.

STERNBERG, R. J. & DETTERMAN, D. K.(orgs.). *Qué es la inteligencia? Enfoque actual de su naturaleza y definición*. Madrid: Ediciones Pirámide, 1988.

THORNDIKE, R. (1920). Intelligence and it's uses. *Harper's Mag.* 140,227-235.